

# **Ecomuseu de Barroso**

## **Casa do Capitão**

### **Salto**

#### **Bela Simplicidade**

Terra de Patrimónios, Barroso ostenta com orgulho a sua herança tecedeira. Outrora uma prática tão nobre quanto necessária para a manutenção de um modesto conforto e de uma vaidade simples, a tecelagem tradicional soube resistir às agruras do tempo cronológico, revelando uma particular resiliência no que à contemporaneidade diz respeito.

Esta suave permanência assenta sobretudo na elevada aplicabilidade dos produtos finais associados à tecelagem tradicional de natureza doméstica, nomeadamente as mantas, os cobertores, as colchas, as cobertas e os tapetes, autênticos produtos premium, hoje considerados detentores de elevados padrões de qualidade e acessíveis, grossomodo, apenas a algumas (pocas) bolsas. Com efeito, muito poucos produtos associados a uma certa ruralidade, com evidentes raízes na milenar agro-pastorícia, souberam envelhecer tão elegantemente como estes. Para além da sua elevada aplicabilidade, a resistência é outra das acérrimas características destes produtos. São tecidos exclusivamente com fibras de origem orgânica, endurecidos, batidos e remexidos pelo pisão e hábil e pacientemente criados por mãos sapientes. Chegaram até nós inúmeros exemplares – muitos em uso quotidiano – que hoje constituem uma não menosprezável herança material e imaterial dos nossos lares.

Os exemplares que hoje se nos apresentam constituem o produto final de um longo, moroso e difícil processo de aprimoramento, sobretudo da lã e do linho. Já o algodão, de importação tardia, era adquirido em menores quantidades nas feiras semanais e mensais. Relativamente à lã, o processo de tosquia era de extrema importância para as fases subseqüentes. No Alto e no Baixo Barroso Ocidental, os rebanhos eram tradicionalmente tosquiados duas vezes por ano. Desta operação resultava uma fibra mais fina e sedosa, usada para a confeção de meias, camisolas e, em menor número, de mantas. Relativamente ao linho, nas mesmas sub-regiões, predominava a variante galega, mais adaptada aos solos húmidos e frescos. Como variedade de primavera, era geralmente semeada em abril ou nos primeiros dias de maio e posteriormente colhido em junho.

A tecelagem tradicional é uma das atividades espelho da ruralidade, na medida em que revela um triângulo harmonioso e equilibrado entre o ser humano, o animal e a natureza em qualquer uma das etapas do seu processo de evolução. Da relação benefício/custo da tosquia, passando pelos processos de seleção das melhores fibras de acordo com o produto a tecer, dos artefactos e técnicas usados em cada uma das etapas de aprimoramento da fibra e do fio, até à arte e engenho do pisoeiro e, finalmente, da tecedeira e alfaiate, verdadeiros artistas onde se revê o longo ciclo de perpetuação de um património único...

O revivalismo das técnicas de tecelagem tradicional tem sido evidente nas últimas décadas. Bem vistas as coisas, nunca existiu um verdadeiro hiato entre uma certa ruralidade centrada no magnetismo da terra, da lavoura e da pastorícia e o tempo atual onde as leis do mercado ditam o sucesso ou insucesso do produto final. Esta permanência – suave como acima referi – deve-se essencialmente ao cuidado, quase reverencial, que muitas famílias dedicam à manutenção das suas heranças com origem na tecelagem doméstica, bem como ao uso frequente que ainda lhe conferem. Este sentido de utilidade é fundamental para o revigoramento da tecelagem tradicional uma vez que mantém útil, segundo as leis do mercado, o produto final e, portanto, relativamente imune às modas e tendências no momento.

A plasticidade que hoje nos oferece a tecelagem tradicional é um dos fatores para o sucesso dos seus produtos. Ampliaram-se cânones estéticos e simbólicos (padrões e cores) que, uma vez conjugados com as técnicas ancestrais de tecer, dão origem a novos produtos, mais adequados às necessidades do grande (e pequeno) público. Os espaçosos e pesados teares deram origem a novos artefactos, portáteis e de menores dimensões, pensados para uma utilização mais individual e de produção em pequena e média escala, mais de acordo já não com a necessidade mas, sobretudo, com a vontade pessoal e a procura externa. Também a introdução de novos materiais na constituição dos teares, veio facilitar quer a aprendizagem dos processos de preparação da teia e da calibragem do tear (um tear é sistematicamente afinado), quer o acesso e a aquisição dos vários componentes de um tear (pentes e liços, por exemplo) que, não obstante estes melhoramentos mantêm, de forma espetacular, o princípio milenar de funcionamento.

O acesso ao universo da tecelagem tradicional também foi alvo de outra mudança paradigmática. O velho tear da casa deixa de ser o epicentro da aprendizagem, esmagadoramente feminina, entre mãe e filha, entre avó e neta, entre vizinhas... onde se urdiam projetos e decalcavam modelos transmitidos oralmente ou copiados de algum desenho ou exemplar já terminado.

A associação cultural e recreativa, a escola profissional e o museu tomam o lugar da Casa na perpetuação deste saber tradicional, alargando o universo de potenciais interessados na aprendizagem da arte. Também aqui a tecelagem tradicional soube constituir-se como um exemplo de renovação das artes tradicionais, democratizando o acesso aos seus segredos e à fruição estética e técnica.

Fiel aos seus princípios fundadores e à sua missão o Ecomuseu de Barroso, ao longo dos anos, tem desempenhado um papel inequívoco quer na valorização deste saber-fazer milenar, quer na mediação entre tradição e contemporaneidade. Nas suas reservas a instituição conserva importantes coleções de mantas, cobertores, colchas, cobertas e tapetes, entre outras subtipologias de tecelagem doméstica, cuja origem reside nas doações, depósitos e empréstimos das famílias barrosãs. A sua diversidade estética e estilística, as diferentes técnicas de tecer bem como as narrativas únicas associadas a cada peça constituíram o motivo pelo qual a exposição “Alma” toma forma e se constitui como elemento aglutinador de um património que sendo de cada um é, por via do trabalho museológico, comum a todos.

Esta união, quase metafísica, que envolve a comunidade em memórias e passados comuns fez-se transportar para o título da exposição. A Alma é, ao mesmo tempo evocação e técnica, pertença e construção elementos que, afinal de contas, articulam as dimensões do próprio ser. Quis a investigação para este projeto deparar-se com a obra “Vocabulário Técnico Português”, da autoria de Maria José Mendonça, onde a sugestão de uma Alma comum a esta arte expressa-se na operação mais simples da própria tecelagem, ou seja, um fio que se enrola à volta de outro fio, dando origem a uma teia.

Para conferir um sentido prático à própria exposição inicia-se, em simultâneo, o II Curso de Tecelagem Tradicional do Ecomuseu de Barroso, sob a orientação do mestre tecelão Fernando Rei, este ano dedicado à Tecelagem Avançada. O Ecomuseu de Barroso procura, por este meio, potenciar ao máximo o diálogo entre tradição e modernidade, entre erudição e arrojo, numa perspetiva de continuidade onde os cerca de quinze formandos, oriundos maioritariamente do concelho de Montalegre, têm oportunidade de desenvolver os seus próprios projetos tendo por base inspiradora e/ou provocatória os trabalhos expostos.

Ao nível da programação do Ecomuseu de Barroso – Casa do Capitão, a exposição “Alma” constitui-se como o elemento de passagem entre 2023 e 2024, ano onde a continuidade na aposta em eventos associados às coleções da instituição será, assim esperamos, uma realidade e motivo para uma visita ao nosso (vosso) espaço.

**Pedro Araújo** (Ecomuseu de Barroso)